

A PRODUÇÃO LEITEIRA EM ASSENTAMENTOS DE REFORMA AGRÁRIA: RENDA, ORGANIZAÇÃO E RESISTÊNCIA

Martha Esthela S. Silva¹

Luís Antônio Barone²

Laís Túbero Izidoro³

Resumo: Este artigo se propõe a estudar a produção leiteira em assentamentos de reforma agrária a partir da organização dos agentes envolvidos no circuito produtivo. Nosso universo empírico de pesquisa são dois assentamentos localizados na cidade de Presidente Venceslau/SP, no Pontal do Paranapanema. A pecuária leiteira nestes dois assentamentos se destaca, sendo a produção mais encontrada dentro dos lotes. Analisamos toda a cadeia produtiva do leite dentro do assentamento, verificando o manuseio do gado, a venda da produção e a importância dessa atividade econômica para os assentados. A questão da produção leiteira nos despertou interesse, pois é a atividade mais encontrada nos assentamentos rurais de reforma agrária e em pequenas e médias propriedades do Pontal do Paranapanema.

Palavras-chave: Assentamentos Rurais; Pecuária Leiteira; Organização da Produção.

Abstract: *This paper aims to examine the milk production in agrarian reform settlements, analyzing operations within agent organization at milk production premises. Our empirical research studies encompass two settlements located in Presidente Wenceslau town (SP), in the region of Pontal do Paranapanema. These two settlements have very distinctive*

¹Geógrafa, Mestranda do programa de Pós-Graduação em Geografia, IBILCE-UNESP – Rio Claro.

²Sociólogo, Professor Assistente Doutor, FCT-UNESP – Presidente Prudente.

³Graduanda de Geografia, FCT-UNESP – Presidente Prudente. Bolsista PIBIC/CNPq.

markings and outstanding milk production. We evaluated the whole milk supply chain through settlement, checking and verifying the livestock handling, sales performance, and the importance of economic activity for the settlers. As a matter of great interest, this work looks at the issue of milk production, since this is the most common type of activity developed within rural settlements of agrarian reform and in small and medium-sized farms of Pontal do Paranapanema.

Keywords: *Rural Settlements; Dairy Farming; Production Organization.*

Introdução

A ocupação do Pontal do Paranapanema se deu por meio de brutal violência social e ecológica, sendo os índios dizimados e as florestas destruídas; posteriormente, os posseiros foram destituídos de suas terras e o processo de grilagem ocorreu por toda a região. O Pontal do Paranapanema, região localizada no oeste do estado de São Paulo, foi (e tem sido) palco de constantes conflitos pela terra. Desde o início do século XX, na região ocorreram diversos conflitos entre grileiros, posseiros e trabalhadores sem terra. (FERNANDES, 2000).

Nosso universo empírico são dois Projetos de Assentamentos (P.A.s) localizados no município de Presidente Venceslau: P.A. Primavera e P.A. Tupanciretan, os dois assentamentos com terras contíguas, implantados no mesmo período (final da década de 1990). O P.A. Primavera conta com 125 lotes e o P.A. Tupanciretan 72 lotes. Nos dois assentamentos estudamos a questão da produção leiteira. Neste trabalho nos utilizamos de questionários aplicados no P.A. Primavera, entrevistas nos dois P.A.s e no laticínio da região ao qual os assentados vendem seu leite.

Além dessa caracterização inicial, trazemos um estudo sobre as políticas para a produção de leite no Brasil no decorrer da década de 1990, período em que o setor sofre constates alterações. Analisamos, também, a importância da produção leiteira na manutenção da "reforma agrária" com um estudo sobre a intensidade desse labor nos lotes, o manuseio com a produção e sua contribuição em termos de renda. A partir de entrevistas, avaliamos a relação entre os laticínios, associação e assentados, segundo a ótica dos assentados e da empresa compradora, bem como a experiência de um assentado que se tornou um grande produtor de leite. Constatamos o papel estratégico da produção leiteira, bem como seus gargalos em termos de potencializar ainda mais o desenvolvimento dos assentamentos.

Políticas para a Produção Leiteira

A produção leiteira no Brasil passou por diversas modificações na década de 1990. Vários fatores atingiram de maneira marcante o sistema agroindustrial do leite, começando pela liberação (liberalização) do preço do produto em setembro de 1991, que trouxe como consequência a extinção de vários programas sociais que absorviam grandes volumes de leite pasteurizado e em pó. O governo deixou de ser importador exclusivo de produtos lácteos, abrindo, desta forma, o mercado.

A produção de leite no Brasil está passando, desde então, por um processo de regulamentação, que contempla uma revisão dos padrões de qualidade e de fiscalização do produto. Assim, foi criado pelo Governo Federal o Programa Nacional de Melhoria da Qualidade do Leite (PNMQL), que visa estabelecer novos padrões para a cadeia produtiva do leite, no que concerne à produção da matéria-prima e seu processamento (STEVANATTO, 2002).

O PNMQL tem por objetivo alavancar o setor leiteiro com base em padrões de qualidade, visando à oferta de produtos com melhor nível sanitário para o mercado nacional e ampliação da participação brasileira no mercado internacional. O programa foi oficialmente lançado pelo Governo Federal em maio de 1998 e regulamentado pela Instrução Normativa n.º 51 do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – (MAPA), de 18 de setembro de 2002, que fixou os padrões sanitários para a produção, identidade e qualidade dos diversos tipos de leite produzidos no país, bem como a coleta e o transporte a granel do leite refrigerado. O PNMQL está em vigor nas regiões sul, sudeste e centro-oeste desde julho de 2005 (www.mapa.gov.br, acessado em 20/09/2010).

Essas medidas, apesar de atingirem diretamente todos os produtores que comercializam o leite, são voltadas principalmente para os interesses de grandes empresários ou grupos do ramo leiteiro, que produzem para exportação e necessitam de adequação deste produto às necessidades e "exigências" do mercado internacional.

Na prática dos pequenos produtores familiares do ramo leiteiro, que abastecem internamente os laticínios processadores do leite e derivados de suas regiões, isso pouco contribui para o aumento da renda e da produtividade do leite. Esses produtores, em geral, não possuem ordenhas mecanizadas e um sistema de alimentação e trato do gado além do pasto. Ou seja, dispõem de poucos recursos para garantir sua produção que, somada, é responsável pela quase totalidade da produção nacional.

Até o presente, o programa eliminou a comercialização do leite tipo C, que

passou a ser denominado "leite cru" – refrigerado tanto para consumo como para produção de outros derivados – ou, leite pasteurizado, quando envasado e submetido ao tratamento térmico. Até 2012, o PNMQL pretende acabar com a diferenciação entre os tipos de leite, pois será produzido um tipo-único com padrão internacional de qualidade (STEVANATTO, 2002).

Para incentivar os produtores rurais a investirem na melhoria da qualidade do leite e produzir de acordo com os padrões exigidos, as indústrias estão adotando a postura de pagamento pela qualidade. Esta postura, no entanto, não contempla uma política de qualidade na infraestrutura dos lotes e no manuseio com o gado. Cada produtor deve, neste caso, procurar os meios "por si mesmo" para aumentar a qualidade do leite. Os poucos produtores que conseguem se adequar às exigências, certamente receberão mais, porém, quando pensamos na maioria dos pequenos produtores, vemos que a renda obtida com o leite não possibilita uma "modernização" da produção pecuária.

De acordo com estudiosos (MARIANI, 2006; NEUMANN *et. al.*, 2009), existe um caráter elitista no PNMQL, pelo qual se direcionam medidas ao agronegócio do leite.

Segundo Mariani:

A cadeia produtiva do setor leiteiro brasileiro registra no ano de 2005 a marca histórica de início da vigência da lei nacional que tem por objetivo alçar o setor a novos padrões de qualidade, visando a oferta de produtos com melhor nível sanitário ao mercado nacional e condições de ampliar sua fatia de participação no mercado internacional. Trata-se da Instrução Normativa 51 (IN 51), norma que resulta do debate que construiu o Plano Nacional de Melhoria da Qualidade do Leite (PNMQL), iniciado em 1996. Entre as regras da IN 51 estão as exigências de coleta do leite cru, com padrões de resfriamento da matéria-prima, que demandam modernização tecnológica do produtor. (MARIANI, 2006, p. 03).

Dado o fato de que na atividade leiteira brasileira predominam pequenos produtores, cuja capacidade de investimento em modernização é bastante reduzida e em muitos casos é nula, o atendimento desta exigência depende de fontes financiadoras. Se não temos políticas de créditos destinados a este segmento não teremos modernização alguma.

O sistema agroindustrial do leite sofreu várias alterações, após uma série de

mudanças que a precederam, a partir da década de 1990. Entre essas mudanças, destacam-se a desregulamentação do preço do leite, que alterou a relação do produtor com o mercado, a 'entrada das multinacionais', o processo de concentração das empresas e a expansão para o mercado externo. O preço do leite não seria mais tutelado pelo governo, deixando os pequenos produtores de leite a mercê do mercado.

De acordo com a Normativa 51, no que tange à coleta, todo leite produzido não deveria sair mais "quente" (leite sem refrigeração) do lugar de produção. O leite deve ir direto para um tanque resfriador de leite e, somente depois, ser comercializado.

A situação do pequeno produtor fica difícil, pois se coloca maiores dificuldades para a aquisição de um tanque resfriador de leite, uma vez que a produção de leite é reduzida e não proporciona lucros significativos. Uma alternativa para estes produtores estaria em tanques comunitários.

Isso gerou um grande impasse para os pequenos produtores de leite que não teriam como comprar tanques resfriadores de leite. Seriam, então, obrigados a colocar o leite no tanque do laticínio, impossibilitando o produtor de realizar uma negociação favorável do preço do leite. Então essa normativa acabou por incentivar a doação de tanques resfriadores de leite para os assentamentos de reforma agrária.

O Projeto de Tanques Resfriadores de Leite, uma parceria do Governo Federal e Governos Municipais, através do Programa "Territórios da Cidadania", propiciou a entrega de tanques resfriadores de leite aos assentamentos, com o que se teve um ganho político e econômico, pois é neste contexto que pode se consolidar o associativismo (BARONE *et. al.*, 2008). A doação dos tanques pode ser considerada uma tentativa de modernização de uma parte específica do circuito produtivo, já que a produção de leite seria resfriada em sua origem. Isto, porém, ainda é tímido para um grau maior de modernização dentro de toda a produção leiteira.

Os assentamentos pesquisados neste estudo foram contemplados pelo Programa de Melhoria do Sistema Produtivo da Pecuária de Leite de Pequenos Produtores, política inserida no Programa Territórios da Cidadania, com a doação de tanques resfriadores comunitários. Há três resfriadores funcionando nos assentamentos pelo Programa, sob controle de duas associações.

Este foi um projeto que de fato ajudou no desenvolvimento da comercialização da produção leiteira, na qual os assentados passaram a ter a possibilidade de melhorar a renda familiar e também a qualidade do leite que, imediatamente, passa a ser resfriado. A venda também passa a ser feita de forma conjunta,

aumentando o volume de leite e garantindo negociações mais simétricas com o laticínio (BARONE *et. al.*, 2008).

O manuseio da produção leiteira

Neste tópico será descrito como os assentados criam o gado leiteiro, trazendo as principais características do manuseio que eles têm com o gado de leite. Desde já, constata-se que não há investimentos significativos na renovação dos pastos dos assentamentos⁴. A alimentação utilizada nos períodos de estiagem é feita com o uso de ração balanceada, complementada com sal mineral e sal comum e uso de cana-de-açúcar. É bem comum encontrarmos, no lote, alguns hectares de cana que se destinam para a alimentação do gado na estiagem.

Em alguns lotes visitados há "piquetes", que se caracterizam por uma alternativa técnica barata e eficiente. Os assentados deixam o gado em uma área cercada do lote (piquete) até que acabe o capim do local; enquanto isso, há uma recuperação do capim do outro "piquete", que receberá os animais em seguida (piquete-rotativo).

A baixa produção leiteira dos assentados deve-se, sobretudo, às pastagens degradadas, com baixa capacidade produtiva. Faltam reservas alimentares para o rebanho no período da seca, manejo sanitário e alimentação adequada do rebanho. Isso se deve ainda à incidência de solos esgotados, dependência de insumos externos e seus altos custos, baixo nível de conhecimento técnico por parte dos produtores, falta de recursos financeiros e técnicos.

O sistema de criação deve ser melhorado, para obter aumento na produtividade do rebanho e propiciar aumento de renda do assentado. Para que isso ocorra, torna-se necessário uma conscientização e capacitação dos produtores em alimentação do rebanho e orientações técnicas sobre cuidados com o animal, por meio de palestras, visitas e presenças periódicas de um técnico com conhecimento na atividade, algo ainda muito distante da realidade dos assentamentos estudados.

A pecuária leiteira é a atividade predominante nos assentamentos de reforma

⁴A única forma de renovação de pasto observada é uma espécie de "parceria" entre os assentados e as empresas produtoras de semente (muito presentes na região): as empresas plantam o capim nos lotes dos assentamentos e colhem as sementes para comercialização. A "remuneração" dos assentados que arrenda seu lote é o capim renovado que a empresa deixa. Mais adiante será apresentado o único caso em que observamos um assentado investindo na renovação do pasto.

agrária pesquisados. Apesar da baixa tecnificação e produtividade em geral, esses agentes buscam alternativas para melhorar o sistema de produção. Todas as famílias assentadas no P.A. Tupanciretan produzem leite, sendo destinado para a venda 95% da produção; somente 5% são destinados para o consumo das próprias famílias. No P.A. Primavera, 88% dos produtores têm como principal fonte de renda a pecuária leiteira. Isso evidencia a importância desta atividade como fonte de renda mensal para os assentados.

A Produção Leiteira e o Associativismo

De acordo com Norder (1994), assentamentos rurais podem ser definidos como a criação de novas unidades de produção agrícola, gerados pelo surgimento de novas formas de organização, por meio de políticas governamentais visando ao reordenamento do uso da terra em benefício de trabalhadores rurais sem terra ou com pouca terra. No contexto da pecuária leiteira, no qual se inserem os agricultores familiares assentados, o associativismo tem um estímulo concreto, via organização para comercialização e, mais recentemente, gestão dos tanques.

Entre os temas emergentes acerca da agricultura familiar, destaca-se a comercialização vinculada ao associativismo. Embora não seja inédita, esta temática retorna em novo cenário, caracterizada pelo crescimento da expressão dos movimentos sociais e das experiências conjuntas de produção e comercialização na economia, tanto no meio rural quanto no urbano.

Com o projeto dos Tanques Resfriadores de Leite, as associações, pouco ativas, tiveram uma maior autonomia sobre o preço do leite produzido, podendo elas mesmas escolher o laticínio ao qual forneceriam sua produção leiteira. Antes, os tanques eram dos laticínios e isso limitava os assentados na negociação do preço do leite, tendo os assentados, desse modo, uma participação praticamente nula nessa transação.

Cada associação que atendeu aos requisitos do programa federal ganhou de 1 a 2 tanques resfriadores de leite, com capacidade de armazenar dois mil litros de leite diariamente. Em nosso universo empírico, temos duas associações que têm, como a principal atividade econômica, a produção leiteira: a associação Campos Verdes (do assentamento Primavera) e a associação Tupanciretan, do P.A do mesmo nome (conforme quadro abaixo).

<i>Associações</i>	<i>Ano de Fundação</i>	<i>Atividade Econômica</i>	<i>Assentamento</i>	<i>Sócios</i>
<i>Campos Verdes</i>	2003	<i>Leiteira</i>	<i>Primavera</i>	20
<i>Tupanciretan</i>	2003	<i>Leiteira e Hortaliças (PAA)</i>	<i>Tupãciretan</i>	38

Quadro 1 – Associações "Leiteiras" dos assentamentos.

Dados: Trabalho de campo – Maio/2009.

O projeto dos tanques foi levado a esses assentamentos através da Divisão de Agricultura, Abastecimento e Meio-ambiente (DAAMA) do município de Presidente Venceslau/SP. Segundo o depoimento da diretora do órgão que acompanhou este projeto:

Fizemos várias reuniões com as associações para organizar isso, onde eles iriam organizar os produtores de leite e colocariam o leite no tanque da associação e isso melhoraria a renda deles, pois eles iriam vender o leite gelado a um preço melhor; até a época que eu estava lá, a gente levou dois tanques para o assentamento Primavera e dois tanques para o Tupanciretan (Valdirene, ex-diretora da DAAMA, 2010). sic

O pequeno produtor de leite assentado coloca sua produção de leite nos tanques da associação ou entrega diretamente para o laticínio (ainda há os que fazem isso). O produtor (ou associação) fornece o leite para o laticínio que ofereça o melhor preço. Em agosto de 2010, a remuneração tem sido considerada baixa pelos assentados, variando de R\$ 0,52 a R\$ 0,53 centavos na região. A média estadual do preço do leite na mesma época era de R\$ 0,64 centavos (MILKPOINT, 2010).

A figura abaixo traz um esquema dos caminhos percorridos pelo leite, de modo a representar melhor os trajetos que a produção leiteira do assentamento faz.

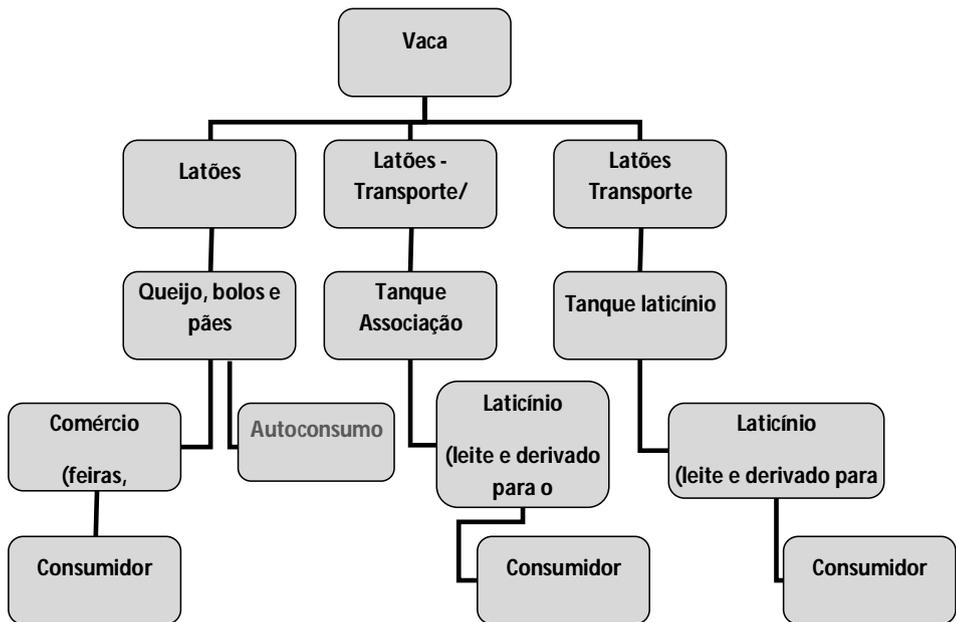


Figura 1 – Caminho do Leite: da Propriedade Rural ao Laticínio.

Fonte: Elaborado pela autora, a partir de ATHIÉ, 1998.

O organograma é de certo modo simples. Para produzir leite não há necessidade de muito conhecimento, organização, mão de obra especializada. Mas a família concentra, nos animais, parte de um capital inicial via compra ou criação das matrizes.

A venda de um bezerro ou boi é uma renda adicional e as matrizes também são vendidas quando já não produzem o suficiente. Esses animais se tornam a poupança ou reserva de valor dessas famílias e a única coisa que podem vender regularmente é o leite e os derivados. O esterco desses animais pode ser aproveitado no lote ou vendido, servindo de adubo para as hortas e pomares.

O leite que é entregue nos tanques das associações vai para a venda, que será negociada pela diretoria da associação com o laticínio escolhido por ela a partir da oferta do melhor preço. Há casos em que os produtores vendem o leite diretamente ao laticínio como ilustra o diagrama. Isto pode ser considerado uma vantagem, devido ao tanque resfriado, eliminando um intermediário, de forma a aumentar o lucro do produtor. Outros assentados produzem derivados do leite e vendem em feiras e no comércio como produtos artesanais, pois deste modo não é necessário ter alvará de comercialização de alimentos.

Os assentados sempre estão em busca de novas alternativas para driblar o baixo preço do leite e encontram outras formas de escoar sua pequena produção. A produção leiteira é a opção dos pequenos produtores, pois sua produção se dá de forma artesanal e/ou pouco mecanizada lhes permitindo com pouco capital sua participação na cadeia produtiva de leite na região. Outro fator determinante é o fato deles terem a garantia de renda mensal com a comercialização do leite.

De acordo com Neumann *et.al.*:

*Os diversos tipos de produtores são portadores de racionalidades específicas que se adaptam ao meio ao qual estão inseridos, fato que reduz a validade de conclusões derivadas puramente de uma perspectiva econômica única, universal e atemporal que, supostamente, caracterizaria o ser humano. (NEUMANN *et.al.*, 2009, p. 20).*

Alguns assentados produzem outros derivados do leite, na tentativa de melhorar a renda, agregando maior valor ao produto. Vide o produtor abaixo:

[...] inclusive eu, devido ao preço do leite, estou fazendo queijo e levando pra vender no centro da cidade, aproveitando o soro pra eu dar para um porquinho e levando o leite e o queijo para cidade. Eu ajudo minha esposa a fazer o queijo, o leite eu consigo vender a R\$1,25 na garrafa e consigo, também, vender o queijo a R\$ 7,00 – um queijo com 7 litros de leite, que sairia R\$1,00 o litro e ainda tenho o aproveitamento do soro, para mim está sendo viável no momento. Agora não está compensando. Vendo o leite só se ele subir R\$0,80 ou R\$0,70 – vamos esperar que chega a este preço – aí não compensa devido ao transporte também, né? Aí tem a quebra do carro, tem combustível e os afazeres que você acaba deixando. (Fernando, produtor assentado e presidente da Associação Campos Verdes, 2009).

Outros assentados também redirecionam a produção de leite para a confecção de doces, pães e queijos e levam para vender nas feiras da cidade.

A atividade leiteira proporciona autonomia relativa para os produtores que contam com a mão de obra de cunho familiar no desempenho das práticas

produtivas, que, como constatamos, vai além de ordenhar o leite. Além de ser um produto indispensável na alimentação humana, o leite apresenta-se como uma atividade econômica de suma importância na economia do Brasil e, em especial, para um número significativo de agricultores familiares.

Em dados colhidos em 2004⁵, temos uma estimativa da produção leiteira e da renda que esta possibilita. Segue abaixo a organização dos dados.

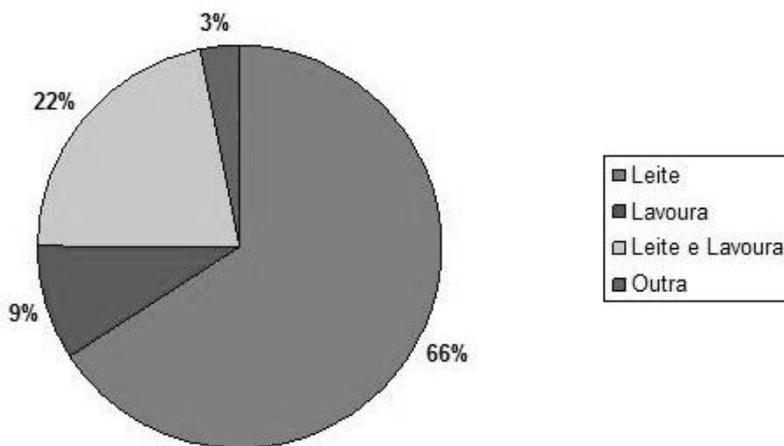


Gráfico 1 – Origem da renda do lote – P.A. Primavera.

Fonte: Trabalho de Campo 2004.

No gráfico 1 esclarecemos a origem da renda dos assentados entrevistados. De acordo com nossa pesquisa e com os dados de 2004, o número de famílias que vivem com a renda apenas do leite é de 66%. Juntando o montante da alternativa que soma o leite com outra produção, podemos identificar que a produção leiteira está em 88% dos lotes, sendo a principal fonte de renda. Nas outras alternativas, 9% declararam que a obtenção de renda vem apenas da lavoura e 3% declaram outro tipo de fonte de renda (aposentadorias e/ou aluguéis de casas na cidade).

⁵Dados recolhidos por Gustavo de Freitas Agostini, a quem agradecemos a colaboração. Estes questionários foram aplicados apenas no assentamento Primavera, em 32 lotes (25,6% do assentamento), sendo esta uma amostra livre, não construída estatisticamente.

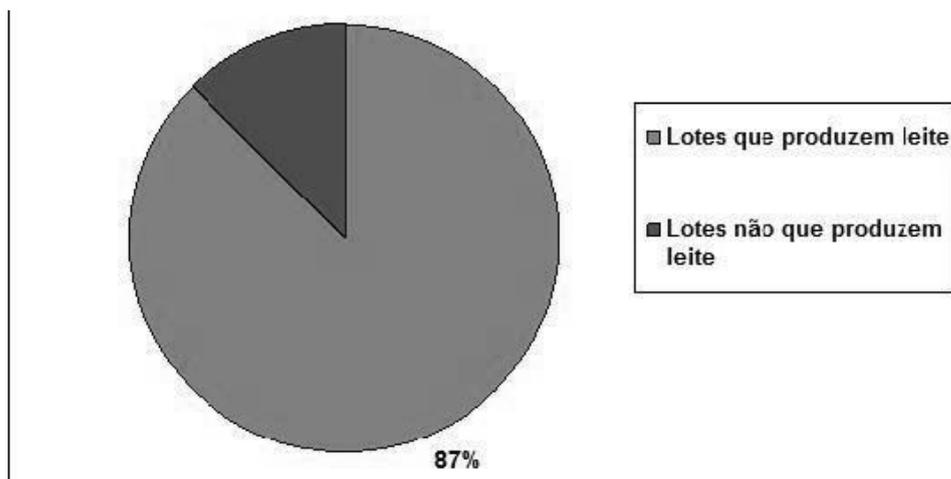


Gráfico 2 – Lotes que produzem leite – P.A. Primavera.

Fonte: Trabalho de Campo 2004.

O gráfico 2 reitera as informações do gráfico anterior. Temos 87% dos lotes visitados produzindo leite, o que confere com o gráfico anterior, onde temos 88% dos assentados com a renda provinda da produção leiteira. Temos 13% dos lotes que não produzem leite (o que confere, pois temos 12% dos assentados com renda advinda de outros meios).

É evidente a importância da pecuária leiteira dentro dos assentamentos rurais, tendo esta produção destaque na agricultura familiar. A partir dos dados de 2004, foi possível levantar a renda mensal da produção de leite (dados atualizados para o salário mínimo de 2010). Obtivemos que 6% obtêm até meio Salário Mínimo (S.M.) por mês com a produção; temos 29% dos lotes entrevistados que recebem de meio a um S.M. – o que corresponde ao fato de que havia, em 2004, 35% das famílias que contavam com uma renda de meio a um S.M. por mês advindo da produção leiteira. Dos entrevistados de 2004, 27%, obtinham uma renda mensal de 1 a 1,5 S.M.. Já 9% conseguiam uma renda que variava de 1,5 a 2 S.M. e apenas 6% acima de 2 S.M. mensais com o leite.

Esses dados comprovam que o leite proporciona ao assentado uma renda mensal que permite ao mesmo fazer frentes as despesas básicas, ainda que com o preço defasado.

A produção diária leiteira, apurada em 2004, é pequena devido ao baixo grau de investimento, de mecanização e baixa tecnologia empregada. Por isso, obtivemos que 36% dos assentados produziam, então, entre 12 a 20 litros; 21% tinham produção de 21 a 30 litros. Ou seja, temos mais da metade (57%) produzindo até

30 litros de leite/dia. Temos, por outro lado, 29% dos entrevistados produzindo entre 31 a 50 litros e 14% acima de 60 litros por dia.

A Produção Leiteira e seu papel na reforma agrária, segundo os produtores

O leite é um dos produtos mais importantes dentro dos assentamentos rurais de Reforma Agrária, sendo este um produto que "não depende" tanto do clima como é o caso da lavoura, que está sujeita às secas (estiagem) e a outras variações climáticas. Em entrevista com um destacado produtor, ele nos afirma:

As plantações caíram 90% desde que começamos a produzir no assentamento, tínhamos plantio de algodão, feijão, milho, mandioca e hoje tem uns 10% de plantação, mas agora com a CONAB, a turma vai começar a plantar mais, pois teremos para quem vender. (Roque Paulino, assentado do P.A. Tupanciretan 2008).

Uma das grandes dificuldades de se cultivar a lavoura é no momento de venda, pois em geral os produtos (verduras, frutas, e leguminosas) são de baixa durabilidade, podendo o assentado perder sua produção por não encontrar comprador. Esta dificuldade está sendo sanada com o PAA (Programa de Aquisição de Alimentos), que se iniciou nos assentamentos no final de 2007. Porém, antes da instalação deste programa, os assentados contavam somente com a produção leiteira que lhes confere uma renda garantida, com pouquíssimas perdas.

A produção de leite proporciona vantagem pelo baixo percentual de perdas (durante períodos secos) e pela rápida recuperação após a época das chuvas. Também não requer alto capital para sua produção, sendo esses os fatores que levam grande parte dos assentados a optarem por este tipo de produção. Deve-se considerar que a população assentada ao (re)iniciar a vida dentro dos assentamentos, se encontra em situação total ou parcial de descapitalização. De acordo com um produtor assentado:

Assim como todo mundo aqui produz leite que é mais seguro, hoje a gente não tem investimento para estar produzindo, por mais que esteja defasado o leite é mais garantido, o preço é baixo, mas ainda é o que garante a renda pra sobreviver (Fernando, 2009).

Para grande percentual dos assentados, a produção leiteira é a principal fonte de renda e em muitos casos é praticamente a única. A produção do leite tornou-se estratégica na agricultura familiar, permitindo uma renda quinzenal ou mensal.

Isso, mesmo em pequenos valores, possibilita as famílias fazerem frente às despesas essenciais para sua subsistência como a compra de alimentos, vestes, luz, farmácia, etc.

A atividade leiteira para os pequenos produtores não deve ser analisada somente do ponto de vista da renda líquida imediata que proporciona, mas também do ponto de vista do fluxo de receita que proporciona mensalmente aos produtores, constituindo-se, portanto, num fator de segurança financeira que não pode ser ignorado.

De qualquer forma, as questões mencionadas merecem uma reflexão profunda por parte dos órgãos de assistência técnica, pois o Estado não deve desperdiçar recursos escassos e nem esquecer a sua função social de promoção dos segmentos que apresentam elevado potencial de produção de um bem.

Um dos pontos determinantes na produção leiteira em assentamentos de reforma agrária deve-se ao fato de que o projeto de aquisição do gado leiteiro é um dos primeiros viabilizados pelo INCRA e o ITESP para os assentados, ou seja, é preestabelecido pelos órgãos governamentais.

Laticínios x Assentados: o "acordo de boca" sustenta a relação

Nos assentamentos estudados, as associações que têm como atividade a produção leiteira (Campos Verdes e Tupanciretan) fornecem sua produção de leite para o laticínio Quatá, localizado no município de Teodoro Sampaio (SP). O laticínio Quatá tem sua matriz na cidade de São Paulo e mais três filiais no interior do país: em Vazante (MG), Mercedes (PR) e Teodoro Sampaio (SP). O laticínio produz queijos-minas (principal produto), requeijão industrial, queijo para churrasco e queijo ralado.

Desde 2010 o laticínio tem capacidade de armazenar 140 mil litros de leite por dia, mas, em média, opera com 120 mil litros de leite diários – segunda a agrônoma da empresa, informante da pesquisa. Em 2010, mais de 90% do leite recebido pelo laticínio vem de produtores assentados. O laticínio compra leite dos assentamentos de toda a região.

Em sua maioria, este leite vem de associações de pequenos produtores. O laticínio conta com 63 tanques resfriadores de leite que lhes fornecem leite. Destes 63 tanques resfriadores, 40 são de associações (Programa Territórios da Cidadania) e os 23 restantes são do laticínio e estão instalados em vários assentamentos. Cada tanque do laticínio, em média, atende a grupos de quatro a seis produtores.

O laticínio tem um programa de controle de qualidade da produção do leite, no qual os técnicos vão a campo para verificar as condições de manuseio dos produtores com o gado leiteiro, verificam a alimentação do animal e as condições de higiene para o manuseio do leite. É uma equipe formada por cinco técnicos agrícolas e uma agrônoma.

Esta equipe é responsável pela melhora da qualidade do leite dos assentados. Segundo a agrônoma, a equipe verifica as condições do pasto, higiene na ordenha do leite, condições de higiene do tanque resfriador. Ela relata que o trabalho deles é bem aceito dentro do assentamento, pois é carente a assistência técnica nestes núcleos.

Na última ida a campo para a obtenção de informações (agosto/2010), as associações Campos Verdes e Tupanciretan forneciam leite para o Laticínio Quatá. Não é feito nenhum tipo de contrato entre o laticínio e os assentados. Firma-se um acordo de "boca", no qual os assentados entregam o leite durante o mês para o laticínio e recebem no fim do mês, na maioria das vezes o preço é cotado com base no valor do mês anterior.

Uma experiência bem-sucedida: trajetórias de um assentado

Embora a produção média de leite por unidade seja relativamente baixa nos assentamentos, observamos o caso de um grande produtor de leite do assentamento Primavera. Seu Adeíson, mais conhecido como "Paraíba", veio do estado de Alagoas para São Paulo em 1998, com o intento semelhante a de outros muitos nordestinos, que migram impulsionados pela pobreza de suas localidades em busca de melhores condições de vida na região sudeste.

Ele chegou à cidade de Presidente Epitácio, onde trabalhou em um frigorífico por oito anos. "Seo" Paraíba chegou a participar de Movimentos Sociais de luta pela terra, mas, devido aos confrontos com armas por parte dos grandes grileiros, resolveu não participar mais desse tipo de manifestação, temendo morrer e não ter como criar seus oito filhos.

No ano de 2003, ele decidiu "comprar um lote" em um assentamento. Pede as contas do serviço e compra o direito de um lote no Assentamento Primavera, que no momento da compra tinha uma parte que estava arrendada por dois anos. O novo assentado, sem saber de tal fato, tem que esperar vencer o contrato de arrendamento feito pelo ex-assentado do lote. O valor pago pelo lote foi de R\$11.000,00 (em valores de 2003).

Houve problemas para o lote ser passado para o novo proprietário, mas, no fim tudo se resolveu. "Seo" Paraíba, com a ajuda do prefeito da época, conseguiu legalizar sua posse no lote. Sem recursos financeiros para tocar o lote, "Seo" Paraíba obtém um empréstimo de R\$5.000,00 com uma amiga. Este dinheiro foi destinado para a compra de 5 vacas. Após 120 dias de assentado, Paraíba obteve uma verba que o "estado" destina aos assentados. Com esse dinheiro comprou mais 6 vacas. Ele já possuía experiência na lida na terra e com rebanho, pois em Alagoas já trabalhava com esse tipo de atividade.

"Seo" Paraíba tornou-se, em menos de cinco anos, um grande produtor de leite do município de Presidente Venceslau, ganhando, em 2006, o prêmio de maior produtor de leite da cidade - tirando cerca de 800 litros de leite por dia. "Seo" Paraíba trabalha com vacas 'boas'— para ele "é melhor ter uma vaca boa do que cinco ruins". A qualidade do seu rebanho é o principal segredo do seu excelente desempenho de produtor.

Sua produção leiteira já lhe propiciou uma renda mensal de R\$ 7.000,00. O produtor tem um tanque resfriador de leite próprio, o que lhe garante maior autonomia no preço do leite. Ele fornece leite ao laticínio Jussara, sendo o leite deste laticínio bastante comercializado na região. No momento da pesquisa, "Seo" Paraíba havia vendido metade do rebanho devido à queda do preço do leite. Sua produção era de 350 litros de leite por dia. Também estava investindo na propriedade, instalando cocheiras e melhorando o pasto. "Seo" Paraíba trabalha também com carneiros e galinhas para complementar a renda familiar e planta algumas verduras e legumes para o consumo próprio.

O assentado revelou, também, que tem projeto de "comprar um novo lote" para expandir a produção de leite. Assim não precisará arrendar pasto para seu rebanho. Tal projeto revela como a atual organização produtiva nos assentamentos (caso dos P.A.s estudados) acaba por não alterar a tendência à concentração de renda e até de terras, mesmo no interior dos projetos de assentamentos.

Considerações Finais

A criação do gado de leite está presente na maioria dos lotes dos dois assentamentos, sendo o leite o produto mais garantido para os assentados, pois sua comercialização é demandada pelos laticínios da região. A pecuária leiteira tem papel de destaque na renda da família assentada, por ser uma renda mensal permanente e assegurada. A "vocação" para o cultivo do leite é determinada por fatores de baixa fertilidade dos solos para as culturas agrícolas, a existência de pastagens já formadas antes da implantação dos Projetos de Assentamento, impossibilita o cultivo de outras culturas. A atividade leiteira tem poucos riscos de perda da produção e permite as famílias assentadas fazerem pagamentos de suas despesas básicas.

O leite é um produto típico da agricultura familiar, porém, ainda com pouco investimento governamental e pouca tecnologia para os pequenos produtores mecanizarem e modernizarem essa atividade. Para que isso seja alterado é preciso que o Governo Federal adote outras medidas favoráveis, além do crédito. A falta de assistência técnica e recursos para modernizar a produção travam o desenvolvimento desta atividade que tem sido de suma importância para as condições dadas nesses assentamentos estudados. Destaca-se, neste quesito, porém, a ação governamental,

através do Programa de Melhoria do Sistema Produtivo da Pecuária de Leite de Pequenos Produtores, gerido pelos "Territórios da Cidadania", que tem dotado os assentamentos de tanques resfriadores – o que propicia adequação às normas sanitárias e maior poder de barganha nos preços frente aos laticínios.

A pecuária leiteira é mais adotada dentro dos assentamentos devido ao baixo grau de tecnologia para produzir e é uma atividade que não requer grandes custos, além de seu fator determinante ser a garantia de venda. No entanto, verificando o custo de produção, os produtores de leite sem tecnificação sustentam o valor médio de preço de leite satisfatório para as grandes beneficiadoras, garantindo um valor do leite que os fazem permanecer no limite econômico. Desse modo, produzir pouco e com baixa qualidade faz perdurar uma descapitalização progressiva daqueles que apenas vendem leite ou o fazem sem as boas práticas comerciais – conforme as que o "Seo" Paraíba adota. Sobreviverão ou terão sucesso os que tentarem agregar valor ao leite e comercializarem outros produtos, assim como o associativismo deve ser aperfeiçoado.

As associações são importantes alternativas para os produtores de leite, pois possibilitam aos mesmos uma maior autonomia diante da venda do leite, não ficando mais os assentados reféns dos laticínios, tanto oferecendo quantidade como adequação sanitária (com os tanques coletivos). O leite também proporciona outras atividades, como a produção de queijos, pães, bolos e outros derivados, que acaba por inserir outros membros da família na atividade pecuária que começa na ordenha do leite, sendo seu fim o mais diverso, desde a venda para o laticínio até fabricação de derivados para a venda no comércio (feiras e consumidor "de porta em porta"). Além disso, a manutenção do rebanho é importante. Ainda tem valor cultural, no país, ser possuidor de animais ou uma "poupança sobre quatro patas" – mesmo que a baixa qualidade do rebanho os aprisione a uma condição de tão somente aparente auto-suficiência e sustentabilidade econômica.

A produção leiteira, assim como o associativismo rural, é uma forma de resistência dos assentados na terra, sendo esta uma atividade que proporciona a permanência na terra. A terra tem o papel de liberdade, mas como a produção não é livre da dinâmica capitalista, os camponeses precisam de maior profissionalização para que melhorem suas condições de produção. Isto exige mais investimento e conhecimento. A manutenção da atual situação beneficia apenas os mais "fortes" (como o "Paraíba"), que tenderão a engolir os mais "fracos" – desigualdade que não pode perdurar, sob pena de tornar a produção leiteira um gargalo para o desenvolvimento dos assentamentos.

Referências

ATHIÊ, F. **Gado leiteiro, uma proposta de manejo**. São Paulo: Nobel, 1998.

BARONE, L. A.; MACIEL, M. C.; SILVA, M. E. S.; FERRANTE, V.L.S.B. O associativismo como estratégia de ressocialização e gestão nos assentamentos rurais em São Paulo. **Retratos de Assentamentos**. Araraquara, n.11, NUPEDOR, p. 45-70, 2008.

FERNANDES, B. M. **MST: formação e territorialização**. São Paulo: Hucitec, 2.ª Ed., 2000.

LEITE, J. F. **A Ocupação do Pontal do Paranapanema**. São Paulo: Hucitec, 1999.

NEUMANN, P. S.; DALCIN, D.; TROIAN, A.; VASCONCELOS, S. O.; AAtividade leiteira no contexto da agricultura familiar: um estudo de caso. Congresso. Sociedade Brasileira de Economia Administração e Sociologia Rural. Ano 47. In: **Anais...**, Porto Alegre, 2009.

NORDER, L. A. C. **Políticas de Assentamentos e Localidade**: os desafios da reconstituição do trabalho rural no Brasil. São Paulo: Wageningen Universiteit, 1994.

SANTOS, J. C. **O Sistema Agroindustrial do Leite na Região de Presidente Prudente-SP**. 2004. Dissertação (Mestrado em Geografia) Departamento de Geografia. Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente.

SILVA, M. E. S. Associativismo e organização produtiva em assentamentos rurais: resistência social e políticas públicas na reforma agrária. **Retratos de Assentamentos**. Araraquara, n.12, NUPEDOR, p. 349-368, 2009.

STEVANATO, A. S. **A produção de leite na região de Presidente Prudente**: O caso da Cooperativa de Laticínios Vali do Paranapanema (COOLVAP). 2002. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Departamento de Geografia. Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente.

Sites consultados: Acesso em 20/09/2010.

www.mapa.gov.br

www.milkpoint.com.br